

ANÁLISE DE PALAVRAS DESUSADAS NOS DICIONÁRIOS AURÉLIO, HOUAISS E DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS (D.U. P).

*Gisele ALVES**

Introdução

Neste texto, propõe-se estabelecer um confronto entre três dicionários gerais do português contemporâneo – AURÉLIO de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica), HOUAISS de Antônio Houaiss (versão eletrônica) e DICIONÁRIO DE USOS DO PORTUGUÊS (D.U.P.) de Francisco da Silva Borba - no tocante à análise de palavras desusadas, a fim de mostrar os diferenciados tratamentos concedidos a estes vocábulos pelos citados dicionários. A opção por tais obras lexicográficas reside no fato de serem obras contemporâneas de fácil acessibilidade e de uso geral entre os usuários brasileiros.

Por meio de pesquisas realizadas na área, sabe-se que as três obras aludidas acima se caracterizam por conterem inúmeros equívocos que geram questionamentos quanto ao registro e descrição do léxico português, em sua variante brasileira. Para tanto, primeiramente, abordaremos breves considerações gerais sobre alguns casos que confirmam os diversos equívocos e incoerências apresentadas nesses dicionários. Posteriormente, partiremos para a análise das palavras desusadas consultadas em cada uma dessas obras com o intuito de demonstrar os diferenciados tratamentos conferidos a estes vocábulos.

* Mestranda em Lingüística na Universidade Federal de Uberlândia.

Concebendo o dicionário como registro e descrição do léxico de uma língua, nota-se que por meio das palavras elencadas, o falante toma conhecimento de seu meio social. Nas palavras de Biderman (1987, p. 81), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”.

Entendidas como um conjunto aberto de dimensões ilimitadas, as palavras são criadas constantemente pelos falantes em geral, inclusive cientistas, os quais contribuem para a renovação lexical com a criação de terminologias científicas.

O léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística que tem uma história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um *thesaurus*, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. (BIDERMAN, 1987, p. 81, grifo da autora).

Registrando todo esse conhecimento de mundo em forma de palavras, o dicionário desponta-se como um acervo de palavras e significações, funcionando como porta-voz dos instrumentos expressivos de um dado momento da língua, além de veicular a norma culta empregada pelos usuários pertencentes à classe social dominante.

Dessa forma, confere-se ao dicionário o *status* de uma importante instituição social no interior das sociedades em amplo desenvolvimento, correspondendo, assim, às suas exigências de informação e comunicação. Dado este papel assumido pelas obras lexicográficas em geral, fixa-se a finalidade pedagógica intrínseca ao dicionário, uma vez que ele fornece informações sobre as palavras em suas propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas.

Considera-se pertencente ao patrimônio léxico de uma língua, aquela palavra usada com uma certa frequência

pelos falantes e de ocorrência em mais de um tipo de gênero. Logo, o dicionário coleta e registra somente o vocabulário em ampla circulação numa comunidade de falantes.

A organização de dicionários demanda o estabelecimento de um *corpus* de referência que seja representativo do léxico que se pretende descrever e registrar. É justamente esta a questão amplamente discutida nos estudos acerca dos dicionários utilizados na consulta das palavras que serão analisadas neste trabalho.

O Aurélio, dicionário geral da língua portuguesa contemporânea, detentor da qualidade de um renomado dicionário, é caracterizado por uma profunda falha que recai na escassez das fontes documentais que possam orientar o leitor acerca da origem da palavra analisada. O registro das fontes documentais torna-se imprescindível para um dicionário geral de língua, quanto mais aquele considerado de renome.

Um dicionário que vise representar o acervo lexical da língua deveria se basear num *corpus* de referência bastante diversificado e de amplas dimensões. Nesse sentido, Biderman (2003, p.62) observa que “a dicionarística moderna se baseia em um *corpus* informatizado de referência para a extração e a seleção das entradas (lemas) do dicionário”. Destarte, diante de tais observações, verifica-se uma carência de fundamentação em rigorosos critérios científicos e coerentes para o registro e descrição do léxico.

Outro problema verificado no Aurélio refere-se à fundamentação teórica de natureza lingüística e lexicológica, pois:

a elaboração da nomenclatura de um dicionário de língua deve basear-se numa teoria lexical. Para selecionar as palavras-entrada ou lemas do dicionário, o dicionarista tem que se fundamentar em conceito lexicológico de palavra, ou seja, da unidade lexical a ser identificada e delimitada, a fim de estabelecer o seu *index verborum*.

Ora, isso nunca ocorreu em nossa história lexicográfica. (BIDERMAN, 1994, p. 26).

Conforme esta teoria, as palavras compostas exigem entrada separada na macroestrutura do dicionário, graças ao distanciamento de seus conceitos em relação à base de que derivam. Palavras como ‘ar-condicionado’ e ‘assistência social’ gozam de uma certa autonomia, logo, podem ser consideradas unidades léxicas com o estatuto de palavras distintas.

O Aurélio contempla entrada individual a palavras já inexistentes em nossa língua, os chamados fósseis lexicais, demonstrando, assim, uma certa conformidade com a tradição lexicográfica. A questão dos homônimos constitui outra problemática detectada nesta obra lexicográfica. Conforme se depreende do tratamento conferido pelo Aurélio às palavras homônimas, verifica-se que este dicionário considera como homônimas apenas palavras de origem (étimo) diferenciada. De acordo com os postulados lexicológicos, considera-se homônimas as palavras cuja forma seja idêntica, porém com significados distanciados de modo a não possuírem semas comuns.

Em 1986, é lançada a última edição do Aurélio, cuja nomenclatura desponta-se com elevado índice de neologismos, estrangeirismos, termos técnico-científicos, palavras desusadas e obsoletas, vocábulos literários raros, lusitanismos e regionalismos do Brasil, tratados como brasileirismos.

Questionamentos acerca dos regionalismos constados no Aurélio remontam à inexistência de indicações a respeito de fontes documentais que comprovem a coleta dos regionalismos. O Aurélio limita-se tão somente a registrar a região do país em que o vocábulo é usado.

A ignorância à Teoria Lexical, Gramatical e Lingüística não constitui problema exclusivo do Aurélio. O dicionário Houaiss também se desponta como uma obra

lexicográfica que revela total carência no que tange à fundamentação lexical, gramatical e lingüística.

No Houaiss, unidades menores que a palavra (morfemas derivacionais e os elementos de composição) são inclusas acompanhadas de conceituações um tanto obscuras e indefinidas. Nesta obra lexicográfica, em desacordo com a teoria lexical, muitas unidades são registradas e descritas como elementos de composição, caracterizando a sua nomenclatura com um significativo número de pseudo-elementos de composição.

Entendido que a organização de um dicionário deva partir do estabelecimento de um *corpus* de referência suficientemente representativo do léxico que pretende descrever, uma falha detectada no Houaiss refere-se ao fato de sua nomenclatura incluir um imenso número de criações desprovidas de documentação. Esta incoerência no Houaiss reside no fato de sua nomenclatura ter sido extraída em diversos dicionários gerais do português que o precederam, os quais por si só, revelam falta de rigor científico na seleção de suas palavras-entradas.

A seleção da nomenclatura baseada em dicionários precedentes confirma-se quando analisados os regionalismos elencados no Houaiss. Segundo a dicionarística moderna, todo regionalismo exige a fonte que documenta sua origem; exigência esta não respeitada no Houaiss, uma vez que o Aurélio serviu-lhe de fonte de coleta. Logo, “seria necessária uma pesquisa de campo em todos os recantos do Brasil para poder dirimir dúvidas em relação às precárias fontes documentais existentes (...)”.(BIDERMAN, 2003, p. 62).

Considerando o Dicionário de Usos do Português (D.U.P.) de Francisco da Silva Borba, trata-se de uma obra calcada num *corpus* de língua escrita de mais de 70 milhões de palavras pertencentes ao português brasileiro contemporâneo compreendido entre 1950 e 1997. Consta de um *corpus* bastante diversificado e muito representativo da

língua portuguesa em sua variedade brasileira, estando inclusos todos os tipos de gênero.

Este dicionário empenha-se em documentar cada significado e uso da palavra por meio de contextos próprios do *corpus* de referência. Conforme Biderman (2003), pode-se considerar esta obra lexicográfica como um retrato do português brasileiro da forma como está sendo usado pelos falantes atualmente.

Outra característica do D.U.P. é o enfoque sintático-semântico em que é sustentado. Graças a isso, o verbete se estende com um excesso de informações gramaticais, dificultando, desse modo, a sua compreensão por parte dos consulentes sem muitas afinidades com as teorias lingüísticas. O fato de ignorar a questão da homonímia rende certas críticas à qualidade do dicionário, pois vocábulos homônimos são arrolados numa única entrada, em que os diferentes valores semânticos são considerados como acepções distintas de uma mesma palavra. Assim sendo, a palavra é tratada como polissêmica. Com isto, a estruturação do verbete no D.U.P. traz certas dificuldades ao consulente para localizar o vocábulo procurado.

A elaboração desta obra baseia-se na adoção da Teoria de Valências, dando primazia à sintaxe, ignorando assim, a categorização gramatical das unidades léxicas. Não se estabelece a distinção entre substantivos e adjetivos, uma vez que ambos são descritos como nomes. A crítica a esta postura recai no fato de romper com a nossa tradição gramatical e lexicográfica, sempre empenhada em diferenciar as duas classes nominais, a saber, o substantivo e o adjetivo. Segundo este modelo formal, palavras como *poder* (verbo) e *poder* (substantivo) são registradas no interior de um único verbete.

Como se trata de um dicionário empenhado em registrar e descrever o léxico usual da língua portuguesa contemporânea, em sua variedade brasileira, não faz sentido

conceder entrada aos *hapax legomena*, isto é, palavras de uma única ocorrência no *corpus*. Os *hapax legomenas* representam palavras usadas em situações particulares por um único falante ou por um grupo bastante restrito de falantes. Portanto, não pertencem ao patrimônio vocabular de uma comunidade lingüística.

Por fim, considerados estes breves comentários acerca das incoerências constatadas nesses três dicionários, partiremos agora à análise das palavras desusadas a fim de ilustrarmos algumas discrepâncias que se instauram entres estas obras, no que se refere ao tratamento concedido às palavras aqui consultadas.

Análise das palavras

Para a análise das palavras desusadas nos dicionários mencionados, selecionamos um total de palavras extraídas da obra “O Guesa” de Sousândrade, tendo em vista a suficiência desta quantidade para a exequibilidade e o propósito a que se destina este trabalho. A escolha por esta obra deve-se ao fato de seu vocabulário ser muito antigo, uma vez que foi escrita em meados de 1850.

Começemos com a palavra *viridante* (“Os guarazes à luz dos céus traçavam/Coroas de sangue. À praia transparente/Viridantes os mares se quebravam”. (p. 23).Baseando-nos no D.U.P. do Borba, trata-se de uma palavra desusada, uma vez que não é registrada em seu dicionário. Aurélio informa o consulente a respeito do uso raro desta palavra (acepção 1), ao passo que Houaiss não manifesta nenhuma observação sobre seu uso (acepção 1). Temos, realmente um vocábulo desusado? Na concepção de Aurélio, por ser de uso raro, em que variedade do Português falado no Brasil, *viridante* é usado?

Em *escanção* (“No adorável serviço de meiguice,/Que não dos escanções silenciosos,/Linda oferece

na mãozinha branca./Dizem que beberagem para amor/p. 45), Aurélio e Houaiss apresentam sob a rubrica *antigo* as mesmas acepções (1). Um fato curioso está relacionado ao tratamento que Houaiss confere a esta palavra que, além de estar sob a rubrica citada, também está encabeçada pela rubrica *arcaico*. Há uma diferenciação entre antigo e arcaico? Segundo Borba, *escanção* é usada com a mesma acepção encontrada nos outros dicionários.

O verbo *desparzir* (“Ouve-se o som da voz, aura fragrante/Da flor em laranjeiras desparzindo:/Do veludo fulgor e a luz do luto,”/ p. 45), no Houaiss e no Aurélio (acepções 1), o consulente é advertido sobre a necessidade de recorrer ao verbo “espargir”, identificado como pouco usado para Houaiss, apresentado sem nenhuma rubrica pelo Aurélio e inexistente do D.U.P.. Considerando o sentido de “espargir”, será este verbo realmente um caso de desuso ou já se encontra em completo desuso? Entendido como pouco usado, em quais circunstâncias é usado?

No caso de *alevantado* (“Titã o celerado – Cotopáxi/Lá das nuvens s’eleva alevantado” p. 48), Houaiss o concebe como pouco usado (acepção 1), o Aurélio não registra este verbo no particípio, alertando o consulente a verificar “levantar”. No D.U.P., o consulente é instruído a verificar “levantado”, sendo “alevantado” coloquial. Se Houaiss considera-o como pouco usado, não seria mais coerente informar que seu uso raro manifesta-se na variedade coloquial da linguagem?

Em relação a *alevantar* (“Bela Limeña! Flor, não que alevanta/O cálix, porque à terra o tem pendente.” p. 55), confrontando o verbete deste verbo com o particípio “alevantado”, nota-se que Houaiss não fornece dados sobre o uso raro deste verbo, ao passo que o particípio é marcado como pouco usado. As informações contidas no D.U.P. e no Aurélio referentes a “alevantar” e a “alevantado” continuam as mesmas.

Em *broma* (“Criando a silvos; militar governo;/Que fôrças há, tão-só, que vêm da espada;/Imprensa, broma; inglória igreja-inferno;/De sangue a escola prática, a tourada. p. 53), nenhuma das acepções verificadas no Aurélio faz referência ao uso arcaico ou antigo desta palavra. O Houaiss arrola a acepção de uso obsoleto (acepção 6), restrita à linguagem do grupo dos delinquentes. Baseando-nos no D.U.P., “broma” não é registrado, logo é entendida como desusada. Os demais dicionários apresentam esta palavra como brasileirismo (acepção 5 no Houaiss), brasileirismo do R.S. (acepção 1 no Aurélio), linguagem informal (acepção 5 no Houaiss), o que nos leva a questionar se podemos afirmar, categoricamente, se temos um caso de desuso. Não será possível que em alguma variedade do português falado no Brasil, esta palavra não é usada com maior frequência?

Sobre *erriçar* (“De ódio, oh! que inferno tenebroso dentro/Não está daquele mudo!que aveluda,/Que erriça hirsuto __ vede o vago centro/D’êrmo vidrado olhar e a boca imunda – p.54), ao analisar os dicionários Houaiss (acepção 1) e Aurélio (acepção 1), somos orientados a verificar o verbo “erriçar”. O primeiro apresenta a rubrica “pouco usado”, mas não informa em que variedade do português falado no Brasil, ele é usado. Já o segundo dicionário não revela nenhuma informação sobre seu uso, ao passo que Borba não remete o usuário ao verbo “erriçar”, sendo, portanto, um vocábulo inexistente em seu acervo. Trata-se de um verbo em completo desuso ou de uso corrente em nossa língua?

O vocábulo *mauro* (“Jaz um morto no pó; não via-o o touro;/Ventre roto um cavalo, esforço mauro;/Derramando intestinos, tenta inglório.” p. 54) inexistente no acervo do D.U.P. e é considerado como antigo por Houaiss (acepção 1). Podemos concluir que estes dois dicionários apresentam afinidades quanto ao desuso desta palavra. Porém, o Aurélio apresenta um posicionamento diferenciado dos demais,

devido à inexistência de marcas que evidenciem o uso antigo ou arcaico do vocábulo aqui analisado.

A respeito de *amava* (“Amava a solidão, doce bonina”), enquanto em Houaiss, a acepção 6 (ter dedicação por; honrar; venerar) é considerada antiga, no dicionário Aurélio, se trata de uma acepção comum (acepção 2 – ter afeição, dedicação ou devoção a; prezar: amar a Deus; amar o próximo).

Conclusão

Acreditamos que, por meio desta breve análise, possamos demonstrar que, quanto ao registro e descrição de palavras desusadas, os dicionários Aurélio, Houaiss e D.U.P. não se mostram muito coerentes no que diz respeito ao tratamento concedido a estes vocábulos. Não constitui nossa pretensão desfazer do empenho e dos trabalhos de nossos lexicógrafos realizados até o momento, mas sim, partirmos de uma reflexão acerca da necessidade de fundamentarmos nossos trabalhos em bases teóricas mais sólidas e operarmos com mais rigor científico em todos os trabalhos que envolvem pesquisas sobre o léxico da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. “Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade”. In: *Alfa*, São Paulo, p. 53-69, 2003.

_____. *A nomenclatura de um dicionário de língua*. In: *Estudos Lingüísticos XXIII*, Anais de Seminários do GEL, Vol. I. Ribeirão Preto, 1994.

_____. “A estruturação do léxico e a organização do conhecimento”. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, nº. 4, p. 81-96, 1987.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. “Primeiros dicionários a estabelecerem um padrão lingüístico no Brasil.” In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. V. II, Campo Grande, Ed. U.F.M.S., 2004.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio Século XXI*. (versão eletrônica). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. (versão eletrônica). Rio de Janeiro, 2001, CD-ROM.

BORBA, F. S. et al. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. *O Guesa*. Edições SIOGE, São Luiz – Maranhão, edição fac-similar promovida por Jomar Moraes, 1979.